

CORREIO POLÍTICO

Alan Santos/PR



Michelle: o clã resiste a entregar o espólio a ela

Para o clã Bolsonaro, na política esposa não é parente

Em fevereiro, em um seminário do PL em Brasília, Carlos Bolsonaro chorou ao lembrar que teve que derrotar a própria mãe, Rogéria, para se eleger vereador pela primeira vez. Rogéria foi a primeira pessoa do clã que Bolsonaro introduziu na vida política, em 1992, logo depois dele mesmo. Em 2000, Bolsonaro estava se separando de Rogéria, que é mãe não apenas de Carlos, mas também do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e do deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP). Para evitar, então, que Rogéria se elegesse vereadora novamente, ele colocou Carlos para derrotar a mãe. Algo que Carlos admitiu naquele dia, foi “traumático”. O episódio está na raiz dos problemas de relacionamento dos três filhos com a madrasta, Michelle.

Efêmera

E também das próprias resistências que Bolsonaro tem com relação a estimular o crescimento político da esposa. Michelle é o terceiro casamento de Bolsonaro. Não que ele deseje se separar de Michelle. Mas, num momento em que está preso e inelegível, resiste em passar seu espólio para alguém que, em tese, pode eventualmente sair da família, como antes aconteceu com Rogéria, a mãe de Flávio, Carlos e Eduardo.

Renan Olaz/CMR3



Carlos derrotou a própria mãe para se eleger vereador

A disputa pelo espólio é bem grande

É como se Bolsonaro invertesse o sentido daquela frase atribuída a Leonel Brizola. Quando ainda se imaginava que fosse haver eleição em 1965, ele dizia que não haveria impedimento em disputar a Presidência sendo cunhado do então presidente, João Goulart. Seus correligionários diziam que não havia impedimento, porque “cunhado não é parente”. Assim, a resistência especialmente dos filhos reside em algo próximo: “Esposa não é parente”. Ou pode deixar de ser. E há diversos outros problemas de relacionamento entre a madrasta e os filhos de Bolsonaro.

Pesquisas

Uma situação que exaspera o presidente do PL, Valdemar Costa Neto. Pesquisas internas encomendadas pelo partido mostram que ela é, de longe, a melhor opção eleitoral com o sobrenome do ex-presidente. É mulher, é bonita, tem bom discurso, grande penetração junto ao eleitorado evangélico. Lula teria dificuldades, avalia-se, de usar contra ela um discurso mais agressivo.

POR
RUDOLFO LAGO

Acerto

Pesquisa Atlas Intel divulgada nesta terça-feira (2) a mostra empatada com Lula num eventual segundo turno. O problema é a aceitação de seu nome pelo clã. E essa aceitação está difícil. Valdemar tenta uma reunião entre todos para conseguir obter um freio de arrumação. Um acerto mínimo.

Flávio

O senador Flávio Bolsonaro coloca-se como a alternativa da família. Mas ele está longíssimo de ter o mesmo apelo eleitoral que parece ter Michelle. E Valdemar, afirma ao Correio Político um interlocutor de Valdemar, confia pouco nele. Costuma comentar que Flávio é menos fiel ao partido que Eduardo.

Joga para ele

Segundo esse interlocutor, nas eleições de 2022, Eduardo, com todos os seus problemas de voluntarismo, teria cumprido mais efetivamente missões do partido que lhe foram dadas. Flávio, tido como mais maleável e experiente politicamente, seria muito individualista: jogaria somente para ele.

Voluntarismo

De qualquer modo, voluntarismo parece ser o grande problema dos Bolsonaro. É a origem de todo o rolo de Eduardo nos Estados Unidos. E a razão do rolo com Michelle no caso do Ceará e de Ciro Gomes. Valdemar quer tentar reunir todos para, ao menos, pedir que o jogo entre eles seja mais combinado. Mas a tarefa é difícil.

Ceará

Depois de uma reunião na tarde desta terça-feira (2), o PL suspendeu os acertos que estavam sendo feitos no Ceará para fechar uma aliança em torno da candidatura de Ciro Gomes (PSDB) ao governo do estado. Ou seja: num primeiro momento, Michelle venceu a parada. O apoio a Ciro subiu no telhado.

Pragmatismo

No fundo, o que Valdemar desejaria era conseguir imprimir um pouco de pragmatismo à visão política do clã. Pragmatismo na sua ótica. O PL é o mesmo partido que ocupou a vice nos dois primeiros governos de Lula. Mas o problema é que ele fez o PL crescer ao incorporar um grupo que nada tem de pragmático.



Irritação de Alcolumbre com Lula permanece grande

Alcolumbre cancela sabatina de Messias ao STF

Presidente do Senado acusa governo Lula de “omissão grave”

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil), anunciou nesta terça-feira (2) o cancelamento do cronograma que havia anunciado para a sabatina de Jorge Messias, indicado pelo presidente Lula (PT) ao STF (Supremo Tribunal Federal).

O cancelamento dá mais tempo para Messias fazer campanha e obter apoio de senadores, o que é bom para o governo. Por outro lado, Alcolumbre usou palavras fortes para se referir à ausência de comunicação formal da indicação pelo Planalto. Sem esse passo burocrático, o Senado não pode decidir se aceita ou não o indicado.

“Sem precedentes”

“Esta omissão de responsabilidade exclusiva do Poder Executivo é grave e sem precedentes. É uma interferência no cronograma da sabatina, prerrogativa do Poder Legislativo”, afirmou Alcolumbre. Ele tem demonstrado a aliados que está irritado com a situação.

De acordo com o cronograma anunciado anteriormente pelo presidente do Senado, a sabatina de Messias ocorreria no próximo dia 10 de dezembro. Na quarta-feira (3), seria lido um relatório legislativo recomendando a aprovação ou rejeição de Messias.

Os governistas buscavam ganhar tempo com o atraso no

envio da mensagem ao Senado. Alcolumbre já havia protestado contra essa possibilidade em nota divulgada no fim de semana. “Para evitar a possível alegação de vício regimental no trâmite da indicação, diante da possibilidade de se realizar a sabatina sem o recebimento formal da mensagem, esta presidência e a CCJ do Senado determinam o cancelamento do calendário apresentado”, declarou Alcolumbre, referindo-se à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), onde é feita a sabatina.

Pino na granada

O relator da indicação de Messias, Weverton Rocha (PDT-MA), deu entrevista logo depois do anúncio do presidente do Senado. “O pino foi colocado de volta na granada”, disse ele, no sentido de que o adiamento da sabatina reduz o atrito político entre governo e Senado.

Weverton mencionou que agora haverá tempo para articular o apoio a Messias e reaproximar o Senado e o governo. O indicado de Lula sofre resistência porque Alcolumbre e outros senadores queriam que o escolhido do presidente da República fosse Rodrigo Pacheco (PSD-MG), também senador.

Caio Spechoto, Catia Seabra e Mariana Brasil (Folhapress)